

## **ANÁLISE TRANSACCIONAL, COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA E INSUCESSO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO**

ALEXANDRE FREY PINTO DE ALMEIDA (\*)

(\*) Médico, Mestre em Psiquiatria, Doutor em Ciências da Linguagem; Director da Clínica Médica de Serralves; Professor Associado, Coordenador Científico da licenciatura, mestrado e da Clínica Pedagógica de Terapia da Fala e do doutoramento em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem da Universidade Fernando Pessoa (fpinto@ufp.pt; clínica\_de\_serralves@yahoo.com).

### RESUMO

Com base nas propostas de Eric Berne (1972), procedeu-se ao estudo do argumento (projecto de vida) dum rapaz de 11 anos ainda a frequentar o 3º ano de escolaridade, procurando-se explicar o caso segundo o paradigma da Análise Transaccional (A. T.), a técnica proposta por aquele autor. Um abandono parental a que foi sujeito desde a mais tenra idade poderá ter resultado numa desconfirmação persistente que poderia por sua vez levá-lo a adoptar com frequência comportamentos provocatórios e de fuga, numa complexa dialéctica com figuras parentais de substituição (sobretudo a avó) acentuadamente ambivalentes no seu modo de interagir com ele: um mandato do tipo “foge daí e une de novo os teus pais” (numa nova união conjugal mítica) poderia dar sentido a esta existência marcada pela negligência parental, terminando por ser transportado igualmente para a escola. O modelo da A. T. poderia então ser adequado à compreensão do insucesso escolar em casos análogos de famílias disfuncionais.

PALAVRAS-CHAVE: análise transaccional; argumento; insucesso escolar; abandono parental; desconfirmação

### ABSTRACT

Taking as a basis Eric Berne proposals (1972), a study of a script (plan of life) was undertaken, concerning a 11 year old boy who was still attending the 3rd grade, and an attempt is made toward an explanation of the case according to the paradigm of Transactional Analysis (T. A.) – the whole technique proposed by that author. A parental abandonment that he suffered since an early age may have resulted in persistent disconfirmation, which could in turn lead him to escape and adopt behaviours often provocative, in a complex dialectic with substitutive parental figures (especially Grandmother) markedly ambivalents in their interaction with him: some kind of mandate as “run away and attach your

parents again" (in a new mythical conjugal union) could make sense of this existence marked by parental neglect, and could ultimately be also transported to school. The model of T. A. might then be appropriate in order to understand school failure in similar cases of dysfunctional families.

KEYWORDS: transactional analysis, argument, school failure, parental neglect; disconfirmation.

## 1. INTRODUÇÃO

Foi-me remetido o caso de V. H., um rapaz de 11 anos que frequentava ainda o 3º ano do 1º Ciclo numa Escola Básica de uma pequena localidade periférica do grande Porto, e interessei-me por saber em que é que o seu "*script*" tinha determinado este caso de repetência.

A noção de *script* ou "Argumento" (tradução portuguesa) foi desenvolvida pelo fundador da "Análise Transaccional", Eric Berne (1972), para substituir em Psicologia o conceito mágico de "Destino". Roberto Kertész (1985, p. 129) define, na sequência de Berne, o "Argumento de Vida" como «um plano ou programa concebido na infância, baseado nas influências parentais, logo esquecido ou reprimido, mas que continua com os seus efeitos». O essencial do Argumento construir-se-ia dos 2 para os 5 anos de idade aproximadamente, continuando porém, daí em diante, a modelar mais ou menos intensamente o comportamento ulterior do indivíduo. Segundo Berne (1972), o Argumento responde às perguntas essenciais da existência ("quem sou eu?", "o que faço aqui?"; etc.), formando-se por interiorização de mensagens (em grande parte não verbais) que correspondem às expectativas do meio a respeito do papel que o indivíduo deveria desempenhar, muito em especial no *puzzle* do "quebra-cabeças" familiar.

Tudor (2008) chamou a atenção para as especificidades da análise transaccional em crianças; Cornell (1988) mostrou nomeadamente a importância do *script* de um ponto de vista desenvolvimental, e Newton (2006) sublinhou a influência determinante que o *script* / plano de vida exerce sobre o percurso escolar de cada um ao longo do ciclo de aprendizagem. Resolvi-me deste modo a estudar o Argumento de Vida de V. H., recorrendo para o efeito a um conjunto de meios propostos por Berne e outros autores. Passarei assim em revista aqueles diferentes meios aplicados ao caso deste rapaz, antes de procurar uma explicação definitiva para o seu baixo aproveitamento escolar.

## 2. ANÁLISE DO ARGUMENTO DE VIDA DE V. H.

### 2.1. OBSERVAÇÃO DO COMPORTAMENTO ACTUAL

No grupo, V. H. gosta de se evidenciar e procura mesmo assumir papéis de liderança. Assume atitudes extravagantes, tais como passear em tronco nu pela sala à vinda do recreio (queixa da professora), e na aula é frequente vê-lo a falar com os colegas; por vezes vem com as calças intencionalmente rotas (“*É à Punck!*”), outras ainda com o cabelo em rabo de cavalo. A informação escolar mostra que não vem de agora nem o seu mau rendimento escolar, nem este comportamento provocatório. Com as professoras, porém, a sua conduta muda consoante a autoridade que lhes reconhece: se a aula é dada por uma professora mais velha e severa, V. H. torna-se mais sossegado, embora talvez não mais atento, mostrando-se em todo o caso menos desafiante. Quando foi interrogado no âmbito do presente estudo, pareceu motivado e mesmo curioso, assumindo contudo uma postura “enconchada” – frequentemente com os braços cruzados e o olhar posto no chão, sentado mas com movimentos frequentes à toa, muitas vezes oscilantes; outras vezes, olhava com alguma emoção e os olhos húmidos, sobretudo em resposta a perguntas mais íntimas, de âmbito familiar. O seu comportamento varia, em suma, entre uma atitude de provocação e uma de certa retracção.

### 2.2. HISTÓRIA PESSOAL

V. H. é filho de pais que se separaram tinha ele 7 meses; desde então, vive com a avó materna – senhora idosa, viúva, que claudica quando caminha (incapacidade relativa ao membro inferior), assegurando apesar disso o essencial das tarefas domésticas no lar.

Os pais reconstituíram família com outros cônjuges, de quem têm como descendência crianças que com eles vivem, e visitam muito pouco V. H., especialmente o pai. Na falta deste, o irmão mais velho e o tio J. T., irmão da mãe, viveram com ele em casa da avó até casarem, há 5 e há 2 anos atrás, respectivamente, exercendo ambos sobre V. H. (especialmente aquele último) influências de tipo parental, dado o papel de “homem da casa” que foram desempenhando.

O meio socio-económico e cultural é desfavorecido, e presentemente a avó parece ter alguma dependência de V. H. em relação a alguns pequenos trabalhos, embora este esteja com frequência fora de casa até tarde: fica a brincar, a passear...

Quando lhe pedi para formular três desejos, V. H. escolheu viver com a mãe (e, se possível, também com pai), ser feliz (o que, segundo explica, passa por ter alegria, casar e ter filhos, ter emprego...) e também conhecer os filhos da madrasta.

É como segue a sua previsão do futuro: estudará até aos 16 - 17 anos, e depois trabalhará, tirando talvez um curso técnico que o habilite para um ofício do seu gosto. Diz que continuará a ajudar a avó e que continuará a gostar dos pais. Conta casar e ter filhos. V. H. gostaria de juntar os pais, e por vezes pensa mesmo que talvez um dia pudesse pô-los

a gostar um do outro (uma fantasia desajustada de “romance familiar” própria de quem não fez ainda um verdadeiro luto relativamente ao abandono parental a que foi sujeito).

### 2.3. COMPORTAMENTOS PARENTAIS

V. H. vê realmente muito poucas vezes os progenitores. Menos de uma vez por mês, segundo me foi dado apurar. Vive com a avó materna desde os 7 meses, era (e é ainda) esta quem manda na casa; até aos 9 anos de idade, foi o tio J. T. (o irmão da mãe, já referido) quem fez o papel de pai; este não hesitava em dizer “o teu pai deixou-te”, ou “a tua mãe deixou-te”, sendo a avó materna mais reservada neste ponto.

São portanto o tio e a avó, essencialmente, as figuras parentais de referência. Tanto o tio como a avó manifestaram a V.H., desde a mais pequena infância, uma expectativa de bom comportamento social, que o tio especificava com mensagens tais como: “trabalha, não sejas vadio”, “não andes pelas ruas”, e ainda “não fumes”, “não andes nas drogas”, etc...; a avó complementava (e complementa ainda) tais apelos com mensagens do tipo “não andes com os matulões”, “se casares, sê um bom marido”, “um bom pai”, etc. Há também, da parte de ambos, uma expectativa familiar razoavelmente consistente relativamente à futura profissão de V. H., que poderia ser marmorista ou picheleiro, à semelhança de outros familiares com estes ofícios. Aparentemente, e nos termos de Berne (1972), tanto a avó como o tio estão de acordo num mandato central que aquele autor classifica como *condicional*, do tipo “sê feliz [sic] desde que te saibas comportar (conforme o esperado)...”.

Segundo relata V. H., quando este desobedece e faz alguma “asneira”, a avó ralha-lhe (“não é assim que se faz”, “para a próxima ponho-te de castigo”) e por vezes bate-lhe (dá-lhe palmadas quando ele faz coisas tais como jogar a bola no pátio em risco de partir os vasos, atijar o cão, desarrumar tudo...). V. H. concorda que merece castigo e revela uma boa capacidade de “*insight*”, chega mesmo a comentar que a avó “ainda devia bater mais” [sic]... Contudo, ele não deixa de reincidir: na prática, fica sempre a vaguear e nunca chega a casa a horas, por exemplo. No tocante à profissão futura, também não parece ir exactamente de encontro às expectativas da sua família actual, uma vez que gostaria de ser bombeiro.

Quando, após autorização da avó, chegou o dia de lhe fazer a entrevista cujos dados aqui apresento, fui levá-lo a casa pelas 19h30min; mas ainda assim a avó mostrou preocupação (“tão tarde! Julguei que tivesse acontecido alguma coisa! Podias ter telefonado...”). Questionei-me sobre se a avó e o neto não estariam a jogar um desses jogos de interacção tão bem descritos por Berne (1976), desempenhando a velha senhora o papel de avó preocupada na exacta medida em que o jovem representava o papel de neto rebelde.

Pude, na verdade, quando a interroguei, interceptar sobretudo a expressão duma certa carência por parte da anciã – a qual põe ênfase, com frequência, nas suas próprias limitações, embora revele também, algumas vezes, uma certa condescendência cúmplice para com as rebeldias do neto, um tanto em contradição com o teor das suas próprias constantes reprimendas verbais; imaginei que o mesmo pudesse verificar-se

com o tio (concebo que não seria difícil surpreender-lhe de onde a onde um piscar de olho compreensivo perante as tentativas de afirmação e de autonomia do sobrinho, conquanto os seus apelos verbais manifestos fossem, sem dúvida, à obediência, nunca à rebeldia... e tomassem a forma de uma ordem, não de uma súplica). Poderia estar em esboço uma espécie de acordo tácito pelo qual a avó condescende finalmente na exacta medida em que espera do neto, “à la longue”, um comportamento solidário.

A figura que se segue reconstitui a árvore genealógica de V. H. segundo as suas próprias indicações. Estão marcados com pontos de interrogação elementos da árvore cujo nome ele ignorava. Conforme se vê, a ligação é maior com a família materna, pois da família paterna o rapaz não somente desconhece os nomes dos avós, como também o da própria madrasta e dos meio-irmãos. O avô materno (avô J. T.) já faleceu, deixando como viúva a avó A. T., com quem V. H. mora. Estão assinalados em traço mais carregado os elementos mais significativos do sistema familiar, no caso presente.

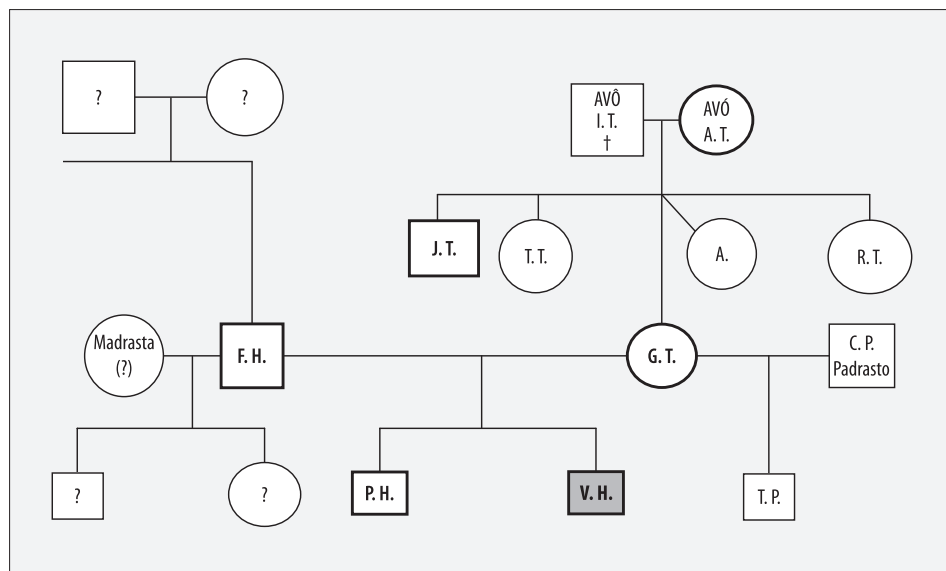


FIGURA 1 – Árvore genealógica da família de V. H. (reconstituição a partir das informações do próprio sujeito)

## 2.4. TRIÂNGULO DRAMÁTICO

Do exposto, parece resultar evidente que o drama da separação dos pais marcou a existência de V. H. e o seu modo de nela se posicionar. Drama no qual V. H. se apresenta como “Vítima” e os pais como seus “Perseguidores”; parecendo que ambos se alhearem ou mesmo que se demitiram das funções que em princípio lhes caberiam. A este res-

peito, a avó funciona, na tecitura daquele drama, com um papel claro de “Salvadora”, nisso tendo sido coadjuvada pelo tio J. T.

Note-se ainda que faz parte das fantasias de V. H. o sonho de um dia juntar os pais e pô-los a gostar um do outro, isto é, ser mais tarde um salvador de si mesmo, talvez um salvador dos pais (?), ou até mesmo da avó (??)... Significativamente, V. H. gostaria de vir a ser bombeiro – o que me parece longe de ser uma simples coincidência!

Contudo, no imediato, V. H. parece pouco empenhado neste último papel, preferindo brincar com os amigos até tarde para depois ouvir as reprimendas da avó, como que reconstruindo dia a dia o drama da separação, como se estivesse escrito no seu próprio argumento que apesar de vítima, também ele havia de ser rebelde, de alguma maneira um perseguidor.

## **2.5. DOS MANDATOS DO ARGUMENTO ÀS MENSAGENS CONTRA-ARGUMENTAIS**

Dir-se-ia que V. H. interiorizou o drama da separação dos pais e integrou de alguma maneira o argumento da separação na sua própria história, como se algures a sua criança rebelde (terminologia de Berne) lhe segredasse “separa-te da tua avó para unires de novo os teus pais”; por outro lado, V. H. parece necessitar de uma figura de autoridade, transitando perante esta (seja a avó que lhe ralha, seja a professora mais autoritária) de um papel rebelde para um papel submisso.

É interessante verificar que todas as mensagens verbais acima registadas vão no sentido dessa maior submissão, numa espécie de contraponto em relação à figura dos pais separados: também os pais poderiam ser objecto de tais “mensagens contra-argumentais”.

A este respeito, é chamativa a contradição entre mandatos não verbais da avó e suas mensagens contra-argumentais verbais: com efeito, se na verdade, tomado à letra, tudo quanto aquela lhe diz vai no sentido dum apelo ao bom comportamento (de pessoa autónoma, que não deverá fazer asneiras, que um dia há de casar, ter filhos, etc., etc.), parece muitas vezes latente, por outro lado - subjacente às queixas nem sempre proporcionadas da anciã - um mandato não-verbal do tipo “não me abandones”, susceptível de comprometer a própria conquista de autonomia que seria desejável na construção de uma relação sã com as figuras parentais (cf. tb. Fleming, 1993).

Em suma, se verbalmente as mensagens explícitas são do tipo “não faças asneiras”, “sê submisso”, já no plano não verbal os mandatos parecem ser, pelo contrário, do tipo “sê tu mesmo”, quiza “sê rebelde, mas não me abandones” (para uma análise das transacções não verbais em geral, cf. tb. Hargarden & Fenton, 2005).

## **2.6. LEVANTAMENTO DOS PAPÉIS E DOS PROGRAMAS DO ARGUMENTO QUE LHES CORRESPONDEM**

Mais acima, sugeri que V. H., tendo embora um papel central de Vítima em função do drama da separação, fantasia para si mesmo um papel de Salvador naquele mesmo dra-

ma. Por outro lado, como que replica diariamente um pequeno drama de separação em relação à avó, sua Salvadora no drama anterior mas sua Vítima no drama do dia a dia, o pequeno jogo dramático do presente; no seu quotidiano actual, V. H. passa portanto a um papel de Perseguidor. É curioso constatar que, num drama e noutro, as armas do Perseguidor são as mesmas: trata-se, basicamente, do abandono, da ausência.

Contudo, no segundo drama de separação (em relação à avó), há lugar a réplicas por parte da vítima, réplicas estas que foram vedadas a V. H. enquanto vítima do primeiro drama de separação.

V. H. parece saber transportar esta duplicidade de papéis para o seu dia-a-dia com os colegas e as professoras. Em relação a estas últimas, alterna os papéis de Vítima e de Perseguidor consoante a autoridade que lhes reconhece; em relação aos seus pares, em contrapartida, o papel de liderança que tende a desempenhar cumpriria já em esboço as funções de Salvador – um papel que ele não exclui aliás, de modo algum, do seu destino futuro.

## 2.7. MATRIZ DO ARGUMENTO

Não é fácil estabelecer uma matriz única do argumento de V. H.

As figuras parentais mais próximas - a avó e o tio - poderiam ser representados numa matriz do tipo:

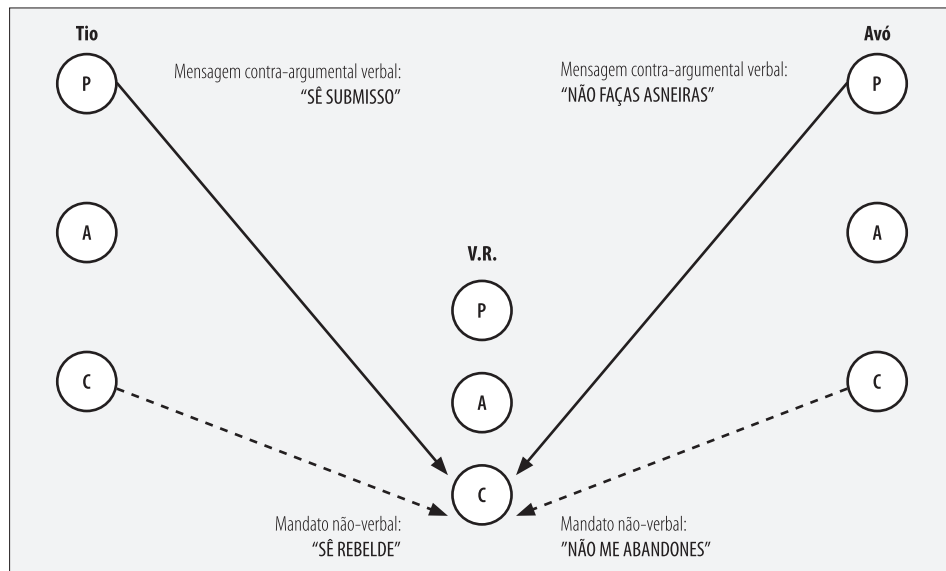


FIGURA 2 – Diagrama do essencial da Matriz do Argumento de V. H. (cf. tb Berne, 1977): há discordância entre as Mensagens que lhe são dirigidas pelas instâncias Pai (P) e Criança (C) das figuras parentais Tio e Avó.

As instâncias P - pai (que estabelece as normas de conduta), C - criança (donde partem as pulsões e os desejos) e A - adulto (que colhe, com sentido da realidade, a resultante de comportamento adequada em cada circunstância) – representadas na imagem supra – constituem o que Berne (1977) designa como estados do Eu: são entidades que coexistem na personalidade de cada um, e que continuamente debitam mensagens ao nível da comunicação intra e intersubjectiva, dando assim sentido à análise do jogo das transacções respectivas (nas rotinas de comunicação de A e B, “que instância de quem diz o quê a qual outra instância de quem?” cf. tb. Ligabue, 2007).

Contudo, e embora estejam de momento em primeiro plano as figuras parentais de substituição, no dia a dia do rapaz, as autênticas figuras paterna e materna não parecem deixar de ter voz na estrutura da personalidade de V. H., o que poderia complicar uma tal matriz de base na forma, digamos assim, de uma meta matriz na qual pudesse figurar, conforme acima detalhado, um mandato do tipo “separa-te (da tua avó) e une de novo os teus pais”.

## 2.8. CLASSIFICAÇÃO DO ARGUMENTO

Conforme se vê, o mandato central do Argumento de V. H. não é, de modo algum, do tipo daquele que Eric Berne (1972) referiu como um “Viva Incondicional!” (= amo-te como quer que tu sejas); pelo contrário, V. H. acha-se em parte desconfirmado na sua existência pela separação / abandono / demissão dos pais (da parte destes, o mandato central é mais do tipo “Morre!”). Por seu lado, a avó parece adoptar uma atitude “Viva Condicionalmente” ou “Viva enquanto”, segundo objectivos parentais que V. H. apenas cumpre parcialmente.

Como resultado desta situação, e tida em conta a dualidade de figuras parentais e a correspondente dualidade de papéis com que V. H. terá construído o seu Argumento, parece-me que a sua posição existencial de base oscilará entre o “Eu não sou OK / Você é OK” (-/+ ) e o “Eu sou OK / Você Não é OK” (+/-), segundo os modos descritos por Berne (cf. tb. White, 1986). Em consequência, poderá dizer-se que V. H. troca mais expressões de reconhecimento (“carícias”) negativas do que positivas na interacção com os outros, e em particular com os pais (“ausência de carícias!”).

Na classificação proposta por Kertész (op.cit), estas características correspondem a um argumento do tipo “Não Vencedor”, segundo o (pouco) sucesso nos objectivos propostos. No imediato, V. H. prefere gozar o Mandato por algum tempo (por exemplo, jogando a bola até tarde), ainda que depois tenha que pagar a penitência (naquele caso, sofrendo finalmente os castigos e reprimendas da avó). Possivelmente, estará disposto a perspectivar deste modo todo o seu Argumento de Vida (por exemplo, sendo agora Perseguidor para um dia ser Salvador, etc., etc.). Em relação ao tempo, Berne (1972) classifica um tal tipo de argumento (“*script*”) como “depois de que...”.

## 2.9. IDENTIFICAÇÃO DO IMPULSOR

Kahler, citado a este respeito por Kertész (1985, p. 139), defende o conceito de mini-argumento como uma “sequência de comportamentos observáveis segundo a segundo, a qual, partindo duma mensagem interna contra-argumental chamada Impulsor, avança no sistema não-O.K. através das posições existenciais -/+ , +/+ , +/- , -/- , com os disfarces e mandatos correspondentes a cada postura”. Tem como resultado a continuação do Argumento de Vida. Há cinco grandes Impulsores, os quais correspondem *grosso modo* às seguintes mensagens contra-argumentais (conselhos parentais para não cumprir o Argumento): “Sê perfeito” (isto é, “você está OK *enquanto for perfeito*”), “Sê forte”, “Apressa-te”, “Agrada sempre” e “Esforça-te mais” (isto é, “você está O.K. *enquanto tentar e voltar a tentar*”).

Kertész (op.cit.) fornece uma tabela para o entrevistador com vista ao diagnóstico do Impulsor, assente no comportamento não verbal e em expressões típicas. Não tenho dúvidas em identificar em V. H. um Impulsor do tipo “esforça-te mais”; quando o interroguei, conforme acima referido, a sua aparência era perplexa, e apresentava-se de sobranceiras franzidas, sentado para diante com os cotovelos sobre as pernas ou sobre a mesa, movendo as mãos e pontuando o seu discurso de frequentes “*hãaaa...*”, ou então com “*hum, hum...*”, “*bem...*”, “*é difícil*”, “*não sei*”, “*vou tentar...*”, coçando a cabeça, hesitando diante das perguntas, deixando a frase incompleta...

Efectivamente, V. H. parece dispersar continuamente os seus esforços tentando e tentando, voltando a tentar, sem nunca chegar ao objectivo. Presentemente, parece ter partido deste Impulsor para as posições existenciais -/+ (bloqueado) e +/- (vingativo).

## 2.10. INFLUÊNCIAS DETERMINANTES SOBRE O SCRIPT DE V. H.

Passando em revista a história de V. H., procurei considerar metodicamente os diversos tipos de influência que segundo Berne (1972) determinam o *script*, desde as influências pré-natais até às influências precoces e às influências dos “anos maleáveis” (cf. Berne, op. cit., pp. 65 sq.):

### 2.10.1. INFLUÊNCIAS PRÉ-NATAIS

**A)** Hereditariedade: não parece que, dos elementos familiares conhecidos, se possa dizer que a família de V. H. seja de risco para comportamentos de fuga, separação, etc... (a irmã gémea da mãe, tia A., casou e tem uma vida de família regular, e ambos os pais têm também, presentemente, uma vida familiar organizada e estável);

**B)** Influências do *Script* dos antepassados: nem que seja por oposição, V. H. não parece poder furtar-se à influência da separação / abandono dos pais sobre o seu próprio argumento;

**C)** A “cena da concepção”: é possível que o V. H. sinta o seu próprio nascimento como algo indesejado pelos pais;

D) A ordem do nascimento: a presunção anterior sai reforçada do facto de ser o V. H. o segundo filho do casal, logo abandonado à avó pelos 7 meses de idade;

E) O “script de nascimento”: assim, V. H. parece ter o *script* típico duma “criança enjeitada”.

### 2.10.2. INFLUÊNCIAS PRECOSES

Nos primeiros anos de vida, é concebível que até aos 7 meses V. H. não tenha sido muito gratificado nos seus comportamentos de interacção com qualquer um dos pais. Tal poderá ter condicionado uma posição existencial de base -/+ , +/- ou mesmo -/- (se foi caso disso, é mérito da avó ter revertido V. H. a posições existenciais mais saudáveis).

### 2.10.3. INFLUÊNCIAS DOS “ANOS MALEÁVEIS”

Sobre este esboço primordial – base do “*script*” centrada essencialmente na problemática da rejeição – V. H. terá construído o seu restante *script* numa interacção privilegiada com a avó, mesmo em plena fase daquilo que em psicanálise se chama o complexo de Édipo. “A programação parental determina quando e como os impulsos são expressos, como e quando as restrições são impostas” (Berne, 1972, p. 91).

## 3. CONCLUSÃO

Todo um universo de relações interpessoais se desenvolve na criança desde a mais tenra idade (Stern, 2003), e a privação do contacto com a mãe resulta em consequências nocivas desde muito cedo (Bowlby, 1969); Spitz (1957), por exemplo, mostrou um padrão de persistente fuga / recusa à comunicação no comportamento de crianças abandonadas hospitalizadas. Bateson et al. (1956), por seu turno, tinham já sublinhado, igualmente, tentativas de recusa à comunicação por parte do esquizofrénico sujeito em casa a uma comunicação paradoxal (cf. tb. Watzlawick et al., 1967) – quando por exemplo a mãe afirma verbalmente amá-lo na mesma ocasião em que parece odiá-lo pelo que respeita à sua expressão não verbal. No caso de V. H., temos reunidas as duas condições: 1º o abandono parental e sua entrega definitiva a figuras de substituição; 2º mensagens contraditórias persistentemente passadas à criança por parte de sua avó e seu tio – as figuras parentais substitutas (do tipo “sê obediente” no plano verbal, mas “sê rebelde” no plano não verbal). Assim, julgamos poder afirmar que os comportamentos iterativos de fuga de V. H. têm também, pelo menos, um componente de recusa a este contexto de comunicação. Os círculos viciosos que se estabelecem na comunicação actual com a avó e as reprimendas e castigos constantes que esta lhe aplica são, na terminologia de Berne, “carícias negativas”, constituindo afinal, à sua maneira, gestos de confirmação que até certo ponto compensam o rapaz da desconfirmação a que foi votado pelo abandono parental e estigma resultante. Mais: as puni-

ções regulares a que é sujeito quando das suas digressões fora de casa até tarde, por exemplo, configuram de alguma maneira um castigo sentido inclusivamente como justo – quase uma redenção – relativamente a uma continuada carência resultante da ausência parental a que V. H. foi sujeito.

Porquê então o comportamento rebelde, provocatório, e as ausências, ou mesmo as fugas de V. H. também na Escola, base do seu rendimento tão pouco satisfatório? Donde vem, finalmente, o seu insucesso escolar? É que a dialéctica contraditória dos mandatos e a consequente resultante em termos do mini-argumento, que já considerámos em termos do sistema familiar, estende-se também, evidentemente, ao sistema escolar. Também na escola, V. H. é acima de tudo um grande ausente; e o seu maior respeito por professoras mais severas prolonga em meio escolar a dialéctica do crime e castigo que repetidamente vivencia a nível familiar. O Impulsor de base mantém-se o mesmo: “esforça-te mais!” – e assim é que ele “*tenta e volta a tentar*”... sem nunca conseguir. Está assim constituído, de algum modo, um ritual expiatório que dá sentido, até certo ponto, a esta vida marcada pela negligência e abandono parental. Digamos que as interacções com figuras de autoridade, e nomeadamente com as figuras parentais substitutas, passaram para uma espécie de área difusa de fenómenos transicionais ainda por resolver (cf. tb. Winnicott, 1971). Por este motivo, a meu ver, encontramos V. H., ainda aos 11 anos de idade, frequentando uma turma do 3º ano de escolaridade. Assim se compreende, em minha opinião, este caso de repetência. Estou em crer que as estratégias de abordagem também propostas por Berne (1961, 1977, etc.) e outros autores ligados à Análise Transaccional (ex. Crema, 1984; Kertész, 1985; etc.) poderiam ser igualmente bem sucedidas em casos semelhantes – uma proposta que justificaria, sem dúvida, novos trabalhos a desenvolver no futuro.

O modelo transaccional de Eric Berne parece em todo o caso profíquo pelo menos na compreensão de alguns casos de insucesso escolar que integram certas famílias disfuncionais.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATESON, G.; JACKSON, D. D.; HALEY, J. & WEAKLAND, J. (1956) *Toward a Theory of Schizophrenia. Behavioral Science*, vol.1, pp. 251-264.

BERNE, E. (1961) *Transactional Analysis in Psychotherapy*. New York: Grove Press.

BERNE, E. (1972) *O que Você Diz Depois de Dizer Olá? - a psicologia do destino* (trad. bras.). S. Paulo: Nobel, 1988.

BERNE, E. (1976) *Games People Play: The Psychology of Human Relationships*. Harmondsworth, UK: Penguin.

BERNE, E. (1977) *Intuition and Ego States: the Origins of Transactional Analysis – a series of papers*. San Francisco: Harper & Row.

BOWLBY, J. (1969) *Attachment and Loss. Vol. I: Attachment*. London: Penguin Books, 1978.

CORNELL, W. F. (1988) Life Script Theory: a critical review from a developmental perspective. *Transactional Analysis Journal*, vol. 18, nº 4, pp. 270-282.

CREMA, R. (1984) *Análise Transacional Centrada na Pessoa*, 3ª edição. Ed. Ágora.

FLEMING, M. (1993) *A Adolescência e a Autonomia – o desenvolvimento psicológico e a relação com os pais*. Porto: Afrontamento.

HARGADEN, H. & FENTON, B. (2005) "An Analysis of Nonverbal Transactions Drawing on Theories of Intersubjectivity". *Transactional Analysis Journal*, vol. 35, nº 2, pp. 173-186.

KERTÉSZ, R. (1985) *Análise Transacional ao Vivo* (trad. bras.). S. Paulo: Summus Editorial, 1987.

LIGABUE, S. (2007) Being in Relationship: Different Languages to Understand Ego States, Script, and the Body. *Transactional Analysis Journal*, vol. 37, nº 4, pp. 294-306.

NEWTON, T. (2006) Script, Psychological Life Plans, and the Learning Cycle. *Transactional Analysis Journal*, vol. 36, nº 3, pp. 186-195.

SPITZ, R. (1957) *O Não e o Sim - a gênese da comunicação humana* (trad. port.). S. Paulo: Liv. Martins Fontes, 1978.

STERN, D. N. (2003) *The Interpersonal World of the Infant*. London: Karnac.

TUDOR, K. [ed.] (2008) – *The Adult is Parent to the Child: Transactional Analysis with Children and Young People*. Lyme Regis: Russell House Publishing.

WATZLAWICK, PAUL; BEAVIN, JANET & JACKSON, DON D. (1967) - *Pragmática da Comunicação Humana*. São Paulo: Ed. Cultrix.

WHITE, M. (1986) *Negative Explanation, Restraint, and Double Description: a template for family therapy*. *Family Process*, vol. 25, nº 2, pp. 169-184.

WINNICOTT, W. (1971) *Playing and Reality*. London: Tavistock Publications.

## **ALEXANDRE FREY PINTO DE ALMEIDA**

MÉDICO, DOCENTE DA UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA.